

**CERTAS MARIAS, OUTRAS MARIANAS:
A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE FEMININA EM
O RETRATO DO REI**

**CERTAIN MARIAS, OTHER MARIANAS:
THE CONSTRUCTION OF FEMALE IDENTITY IN
O RETRATO DO REI**

Cristina Reis Maia

Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil

crmaia.67@gmail.com

Resumo: O presente artigo objetiva problematizar a construção da identidade feminina na realidade brasileira a partir do romance *O retrato do rei*, de Ana Miranda. Fazendo uso da meta-história, a obra apresenta um recorte da história do Brasil, pondo em foco uma diversidade de categorias identitárias femininas. Seja Maria ou Mariana, suas personagens constituem pano de fundo para expressar a construção de papéis sociais que delineiam a identidade feminina. Embora se paute na (re)contação da história, o livro investe na ressignificação do cotidiano, traçando uma ponte entre os diferentes perfis de mulheres apresentados na narrativa metaficcional e os identificados no contexto atual, tornando-se um significativo estímulo para uma análise crítica da realidade.

Palavras-chave: Identidade feminina; Meta-história; *O retrato do rei*; Ana Miranda

Abstract: The present article aims to problematize the construction of female identity in the Brazilian reality from the novel the *O retrato do rei*, by Ana Miranda. Making use of metahistory, the work presents an outline of the history of Brazil, focusing on a diversity of female identity categories. Whether Maria or Mariana, their characters constitute a backdrop to express the construction of social roles that delineate female identity. Although based on the (re) telling of history, the book invests in the resignification of everyday life, drawing a bridge between the different profiles of women presented in the metafictional narrative and those identified in the current context, becoming a significant stimulus for a critical analysis of reality.

Keywords: Female identity; Metahistory; The portrait of the king; Ana Miranda



1 Introdução

Este trabalho propõe-se a refletir sobre a identidade feminina, tendo como referência a obra *O retrato do rei* (MIRANDA, 2001). Buscaremos analisar como sua narrativa nos permite estudar as representações sociais instituídas sobre as mulheres, traçando comparações com o presente e fomentando o surgimento de múltiplas de interpretações através da (re)contação da História, exercitando o processo (trans)formador do pensamento.

O livro em questão aborda a Guerra dos Emboabas, ocorrência que marca a posse e ocupação das jazidas auríferas no Brasil Colonial, recontado sob o protagonismo de uma mulher. Inscrito no interstício entre história, literatura e arte, introduz um olhar perscrutador, contribuindo para uma nova apreensão acerca da construção identitária feminina, permitindo uma reflexão acerca do processo de concepção, institucionalização e reprodução de tais categorias – a quem servem e porque permanecem atuais e recorrentes.

Utilizando-se da metaficção historiográfica, a autora aborda diferentes papéis femininos ao logo da história. Para tanto, ela outorga uma liberdade na (re)construção da narrativa, trazendo à luz diferentes versões da História (WHITE, 2001; HUTCHEON, 1991), contribuindo para o questionamento de “verdades absolutas” impostas (WHITE, 1991) e viabilizando uma melhor compreensão do presente. Explorando a “interpelação entre a língua e a ideologia, o homem e a história”, tais categorias fazem uso de “uma construção social atrelada à materialidade dos objetos de conhecimento e às modalidades de intervenção da linguagem no processo de produção/reprodução de conhecimento” (GOMES *et al.*, 2017, p. 02).

Nesta perspectiva de inter-relação entre o discurso e a história fomenta-se uma flexibilidade interpretativa, propiciando um alinhamento entre real e ficcional que não apenas atrai a atenção do leitor, mas também discute temas relevantes. Por meio dessas estruturas, o texto vai nos apresentando uma enorme variedade de informações, (re)criando o contexto histórico representativo da época, indicando semelhanças com a atualidade, incitando o leitor a aprofundar-se no tema e, conseqüentemente, a desenvolver uma análise crítica. Este caminho seguido pela autora faz refletir sobre a multiplicidade de narrativas geradas por um mesmo acontecimento e o motivo pelo qual apenas uma prevaleça sobre as demais.

Assim, através do olhar subjetivo de Ana Miranda, somos levados a tomar ciência sobre as diferentes formas identitárias que a figura feminina assume diante da estruturação social de seu tempo – desde a hierarquia estabelecida pelo cenário político e econômico até o desempenho de determinado(s) papel(is). Papéis estes que constituirão *representações* acerca do que a sociedade espera de tais personagens, definindo um padrão (de condutas) específico – o que não significa que inexista outras opções, apenas que no jogo das relações de poder certas representações se sobrepõem à(s) outra(s), sobrepujando-a(s).

2 Sobre fatos e versões: as possibilidades interpretativas

A História não é exclusiva nem inequívoca. Formada por discursos – muitos dos quais advindos de “coerções ideológicas” (FIORIN, 1993, p. 36) –, ela se constitui por atravessamentos diversos, sobre os quais representações sociais são construídas em meio a identificações e assimilações.

A *recontação* da história em *O retrato do rei* não é aleatória – objetiva problematizar as diversas identidades femininas, confrontando passado e presente. Ela permite discorrer sobre

a condição da mulher à época – os diversos papéis a ela designados –, discriminando os modos, condutas e costumes vivenciados, compondo o entrelace entre sua função e a conjuntura social. Traça assim, um paralelo entre a época colonial e a contemporânea, apontando sutilmente para as transformações e reincidências de tais comportamentos ao longo do tempo.

Ao retratar a guerra através da história de uma personagem feminina – com todas as suas nuances e implicações –, o livro recupera parte da construção da mentalidade e manifestação social da época. No entanto, apresenta também uma perspectiva analítica, decorrente da incorporação de avaliações críticas posteriores ao discurso histórico. A junção dessas duas perspectivas conduz a uma versão original, inegavelmente subjetiva, que proposital e subliminarmente sinaliza para questões a serem problematizadas.

Dessa forma, embora em primeiro plano, *O retrato do rei* aborde as articulações políticas que visavam assegurar o domínio sobre a extração mineradora e o projeto expansionista do território colonial, as representações sociais acerca do papel feminino desenha-se como pano de fundo. Mais do que retratar o confronto entre os descobridores do ouro e os demais aventureiros pela disputa dos direitos à exploração das jazidas e seus atravessamentos econômicos, seu cerne discursivo direciona-se para o painel no qual se desenha a sociedade da época. E embora o seu fio condutor seja a disputa política de uma pintura pública¹ do rei de Portugal (FARIA, 2014), o foco da história diz respeito à condição em que viviam as mulheres da época.

Em vista desse cenário, temos a projeção de dois eixos essenciais na narrativa. O primeiro volta-se para a capacidade da ressignificação dos signos apresentados (EAGLETON, 2003), enquanto o segundo aborda a transversalidade da condição feminina.

Conquanto as ressignificações atribuídas à pintura que nomeia o livro estejam em primeiro plano, também podemos percebê-las nas personagens femininas ao longo do enredo, já que estas são construídas a partir da incorporação de vários signos e identidades. De modo que uma única personagem comporte atributos que se estendam (por identificação) a várias outras personalidades, enriquecendo a interpretação de seus signos.

Emblematicamente, temos em sua protagonista, D. Mariana de Lancastre, uma fusão de diversas biografias. Toda sua trajetória no enredo é pontuada por uma miríade de situações que abarcam a existência de muitas mulheres ao longo da história, extrapolando a percepção unidimensional dos papéis sociais. Muitas das características que apresenta são reconstituídas a partir de uma bem-sucedida interseção entre diversas significações e simbologias (MAIA, 2018), sendo retratadas através dela, as exigências, regras e comportamentos impostos pela sociedade, além das formas de resistência e ruptura de padrões impostos.

Esse processo se inicia pela seleção do seu nome. Contração de dois nomes femininos muito difundidos em países de referência religiosa judaico-cristã, Mariana representa a síntese do popular com o aristocrático, do sagrado com o profano. Desmembra-se em múltiplos significados que, acoplados, redundam em um perfeito *script*, capaz de definir os atributos e personalidade² da persona que carrega seu nome. Já seu sobrenome faz alusão a uma antiga

¹ Trata-se aqui de um “retrato de Corte”, considerado essencialmente um instrumento político, cuja função consistiria, essencialmente, em através da estampa desenvolvida, produzir um *marketing* da figura de autoridade, reproduzindo e estendendo simbolicamente a representação de seu poder (PIMENTEL, 2008).

² *Maria*, cuja interpretação seria senhora, reportaria à sua origem e *Ana*, indicaria a graça com que teria sido afortunada; em sentido inverso, seu nome também pode advir de corruptelas das palavras *mara*, a amarga, ou *mina*, fonte de água pura – que também faz uma intertextualidade com Minas (MAIA, 2019). Assim, *senhora da graça*, *graça amarga*, ou *senhora das minas*, todas podem se referir à mesma persona, mas também muitas outras que trilham caminhos semelhantes.

rainha consorte da casa real portuguesa, Filipa de Lancastre (SOUSA, 1948). A escolha da nomenclatura promove um diálogo entre a figura da narrativa e as ideias que se pretendem abordar. No caso específico de D. Mariana de Lancastre, propõe uma ponte entre a nobreza³ (com seus privilégios) e a condição popular, abrangendo por representatividade, mulheres nas mais variadas condições.

De maneira semelhante, a sua história é constituída através da síntese de variados perfis femininos oriundos de lendas e relatos populares⁴, recortados e condensados (MAIA, 2018). Sua *performance* é complementada por atuações que traduzem de modo correlato, sentimentos de temor e impetuosidade, fragilidade e potência, subordinação e emancipação. Mas, principalmente, compõe uma série de intertextualidades⁵ que traça uma relação entre as interpretações aparentes e os seus desdobramentos. Isto é, extrapolam a figura da personagem, delineando particularidades comuns a tantas outras mulheres.

Derivando de um *pot-pourri* de situações e características que evidenciam o(s) espaço(s) ocupado(s) pelas mulheres na sociedade, a ideação da personagem de D. Mariana de Lancastre escapa do senso comum, de lugares cristalizados e papéis sociais pré-determinados. Através de fragmentos de experiências distintas, ela amplia e amplifica as funções exercidas por esses perfis femininos para questionar a naturalização de práticas e conceitos instituídos. Por outro lado, permite “tornar ficcional o que pode ser matéria de ficção e relatar com fidelidade os fatos conhecidos ou já canonizados pelo discurso da história” (MORAES, 2003, p. 27), legitimando as possibilidades interpretativas.

Retratando as manifestações socioculturais que levam à construção (e reprodução) da identidade feminina, o texto levanta a discussão sobre a sua representatividade e relativa recorrência ao longo dos anos. Apesar de continuamente transformada em decorrência das representações ou interpelações oriundas dos sistemas culturais circundantes (HALL, 1987), a identidade que se constrói é formada por processos de identificações (HALL, 1999; WOODWARD, 2000). Processos estes marcados por um contexto relacional e dialógico, capaz de definir fronteiras internas e externas, individuais e coletivas (MENEZES, 2014).

³ Mariana também seria o nome da rainha consorte de Portugal à época da narrativa – poderosa na vida pública, infeliz na vida privada. Condensando expectativas socialmente aceitas para as mulheres “de estirpe”, espelha a condição de muitas mulheres que vivencia(ra)m a submissão devido a pressões culturais e econômicas.

⁴ Entre as várias referências utilizadas para a composição desta personagem, talvez a que mais chame a atenção seja a figura histórica da Condessa da Calheta e Capitoa do Funchal, D. Mariana de Alencastre Vasconcelos e Câmara, da qual a personagem assenhora-se do nome e função. Nobre por nascimento (era filha do Conde de Calheta) e por casamento (foi esposa de D. João Rodrigues de Vasconcelos), não se limitou ao papel imposto às mulheres de sua época e círculo social. Enfrentando diversas demandas judiciais, lutou para ser reconhecida na sucessão das terras da família diante da falta de descendência masculina, tendo ainda desempenhado importantes funções na Corte. Não só tornou-se capitoa do Funchal – primeira e única mulher à frente de uma capitania –, como participou ativamente do processo de restauração da soberania portuguesa, ajudando a combater os castelhanos, arregimentando armas e munição entre o povo, organizando a defesa de sua cidadela e daqueles sob sua jurisdição (CAMPELO, 2002; VERÍSSIMO, 2008). Assim, como sua homônima, a protagonista toma as rédeas de sua existência, reescrevendo sua história.

⁵ No território das intertextualidades, esse prenome também faz referência à cidade mineira de Mariana (homenagem à referida rainha), que contrapõe a riqueza das jazidas auríferas à precariedade das condições de vida de seus habitantes. Alude ainda à personagem “Marianne” da obra “A Liberdade Guiando o Povo” do pintor Ferdinand Victor Eugène Delacroix, que empresta seu rosto para estampar os mais diversificados objetos cívicos, aludindo à efígie da liberdade evocada pela Revolução Francesa (MARIANNE, 2014).

3 Entrelaçando referências: os perfis femininos em *O retrato do rei*

Observando as correlações de força e poder existentes durante o período colonial brasileiro, *O retrato do rei* expõe questões relevantes sobre a realidade feminina. Repressão, discriminação entre classes e sexo, as distintas formas de religiosidade, o processo colonizador de mentalidades e as diferentes formas de autoritarismo e cerceamento são algumas das características da época que permanecem entre nós. O livro também constitui um importante referencial para reflexões acerca de expressões de violência a que as mulheres eram submetidas, assim como reporta à sua busca pela independência.

Mais do que um simples relato da história, essa revisitação do passado abre espaço para se pensar o presente – expandindo os horizontes, ampliando as visões de mundo e buscando interpretar – e questionar – contextos instituídos. Sob este aspecto, a elaboração de suas personagens reflete paradigmas estabelecidos, representando categorias distintas de mulheres dos mais variados estratos sociais. Como exemplo desta proposta, temos a protagonista, D. Mariana de Lancastre, a qual resume o espírito da época, encarnando diferentes representações: ela é nobre mas analfabeta, a filha obediente que transgride as regras, a mulher submissa que se torna independente... Essa concentração de tipologias variadas, contribui para a formulação do que se convencionou denominar identidade feminina – a qual, todavia, longe de se apresentar uniforme e previsivelmente, não comporta uma definição única e definitiva, florescendo de modo plurifacetado e abrangente. Inserida no contexto histórico de sua época, ela não escapa às convenções. Cumpre as funções socialmente estabelecidas de unir-se ainda muito nova em um casamento arranjado – vantajoso para a família, mas difícil para si –, submeter-se a figuras masculinas mais velhas – como o pai e o marido –, e buscar na religião aquilo que a cultura lhe recusava. No entanto, com o decorrer de suas experiências, vai gradativamente se empoderando. Assumindo uma série de atitudes e decisões inesperadas e contrárias ao que se convencionou esperar para seu gênero e classe, ela singra um percurso diametralmente oposto à sua narrativa inicial.

D. Mariana de Lancastre representa, assim, as duas faces de uma realidade mais abrangente. Condessa, de alta estirpe, vê-se empobrecida diante de uma sociedade colonial vicejante em torno da descoberta do ouro e comandada por desbravadores e aventureiros. Traçando uma comparação entre os dois mundos que representa (o da metrópole de sua origem e o da colônia que escolheu para viver), reporta ao pacto colonial e ao confronto de dois sistemas distintos que se sobrepõem. A intertextualidade que compõe entre o papel das mulheres e a sociedade colonial não é apenas elemento figurativo do enredo – ao contrário, constitui substrato para discutir o desenvolvimento socioeconômico e cultural daquela realidade, servindo como elemento comparativo para os dias atuais.

Por sua vez, o fato desta personagem encontrar-se autoexilada no Rio de Janeiro e com os vínculos familiares rompidos após o assassinato do marido estuprador, faz dela porta-voz de uma realidade bastante comum: a objetificação feminina. Por isso, ir ao encontro do pai em seu leito de morte na longínqua Minas Gerais constitui uma possibilidade de exercer seu poder de decisão e arbitrar sobre seu destino.

Este abandono das funções cotidianas que a protagonista realiza em vista de um chamado imperativo de uma figura de autoridade masculina (do seu pai), revela o padrão sociocultural que define as atribuições femininas. Ela responde à convocação paterna, mesmo este a tendo renegado. O desprendimento em abrir mão de benefícios e regalias em prol de terceiros reflete as eventuais prerrogativas que lhe são suprimidas.

Expor-se aos perigos de uma longa jornada rumo ao desconhecido (as terras ainda por desbravar das minas) corresponde a uma metáfora sobre o autoconhecimento e os enfrentamentos da vida diária. A expectativa de resolver pendências com o genitor é também a necessidade interna de se fazer ouvir e ser reconhecida. Extrapolando a esfera da aceitação social e familiar, estas questões indicam uma busca por identidade própria em um transcurso existencial que ultrapassa o íntimo e privado para alcançar uma representação coletiva.

Por outro lado, enquanto segue ao encontro da figura paterna, a protagonista apaixonase (pelo seu guia, o desbravador emboaba Valentim) e pondera sobre o papel que ocupa na engrenagem social da história, buscando transpor certos paradigmas. A morte do pai – deixando-lhe uma data de ouro, sem legar-lhe os recursos para explorá-la e usufruir da herança – e os desencontros com o alvo de seu desejo, levam-na à drástica procura pela autonomia. Sua situação assemelha-se a de tantas outras mulheres – sejam elas ricas ou pobres, nobres ou plebeias –, cuja emancipação é firmada por meio da privação dos meios de sustento (ou produção). Em meio às questões existenciais e a certeza da guerra eminente, ela busca vencer por si só. Labutando em um território hostil, descreve as dificuldades que pesam sobre as mulheres de todos os tempos, raças e classes sociais, refletindo contradições do cotidiano.

Tanto frágil como potente, enquanto colona e colonizadora, D. Mariana de Lancastre é acima de tudo uma mulher que toma a vida sob suas rédeas e trilha seu próprio caminho, fazendo suas próprias escolhas. Contraditoriamente às expectativas esperadas, sua relação com o sexo é altiva – nunca submissa. Seu comportamento assusta e afasta os homens. Seja com o marido – a quem mata por forçar sua posse – ou com os pretendentes que a rondam, ela busca uma autonomia que é negada continuamente ao seu gênero. Rompendo com as convenções sociais, ela questiona o critério da liberdade masculina, tomando medidas drásticas para assegurar para si o êxito de seus objetivos. Entretanto, as transformações operadas por este avanço perceptivo são bloqueadas pelas circunstâncias que culminam com a eclosão da guerra, as quais põem em cheque as conquistas alcançadas.

O início das batalhas e as convulsões sociais decorrentes fazem com que, empobrecida e solitária, a personagem almeje por segurança. Segurança essa representada pela presença protetiva e (por que não?) estimulante de Valentim e, na ausência deste, pela representação da única personalidade a quem se subordinaria – o rei. Mas, uma vez que recebe a notícia de que o fruto de seu afeto estaria comprometido com outra, segue em busca daquele que, emblematicamente, justificaria seu lugar no mundo – o retrato do rei. A personificação do monarca na tela retratava conceitualmente a vida que deixara para trás e propiciava-lhe uma sensação de pertencimento.

Aproveitando-se das circunstâncias, a jovem resgata a tela – que a esta altura já adornaria a sala do governo local –, partindo para o interior das gerais e novamente empreendendo uma viagem, que desta vez a conduzirá a um caminho mais radical.

A busca por uma identidade própria a leva a personagem a confrontar-se com as normas instituídas e utilizar de uma estratégia mais simbólica para contrapor-se a elas: o fogo⁶. De posse do retrato, mas sem perspectivas, ao deparar-se com uma grande queimada na mata, segue nesta direção⁷.

⁶ O fogo é um instrumento dúbio e plurivalente. Considerando ser ele um elemento de purificação, através do qual as dissidências são combatidas e eliminadas as eventuais controvérsias, sua utilização vem reforçar tanto a ideia de aniquilamento quanto a de contestação, de renascimento e reconfiguração.

⁷ É importante ressaltar como, nesse contexto, a queimada representa uma alegoria de uma existência sem expectativa ou ainda uma possibilidade de redenção. É também através do fogo e de suas fogueiras que tais

Paralelamente a este evento, o jovem enamorado parte à procura da amada, na esperança de encontrá-la. O ciclo que não se fecha e que eterniza o amor não concretizado é consubstanciado, formulando a identidade feminina no tocante à resolução sentimental – a busca por autonomia e independência contrapondo-se ao desejo de casar e constituir uma família.

Diante da sociedade patriarcal e colonialista a que pertencia, com suas regras rígidas e intolerância, D. Mariana de Lancastre se lança com voracidade para o novo mundo que se lhe descortinava. À medida que coteja os obstáculos que se apresentam, reformula sua vida, suas aspirações e posicionamentos. Deixa seu papel de submissa e coadjuvante para tornar-se senhora da história. E ao tornar-se mais senhora de si, põe em cheque os conceitos e determinações pelos quais foi formada, (re)significando certos paradigmas, gerando o que poderíamos chamar de *descolonização de ideário*. Implica dizer que sair do lugar-comum, questionar valores instituídos, tem um preço (alto); mas o empoderamento que se realiza é irreversível.

Desta forma, a nobre frequentadora dos saraus, que confiava a amanuenses e administradores o controle de seus rendimentos, pode transformar-se naquela que se joga na maior de todas as aventuras – a busca de si mesma. Mais do que tentar a fortuna, era sua independência – minerando e se sustentando somente com o fruto de seu labor – a conquista suprema. Aquela a quem não foi permitido inteirar-se das letras e estudar, aprendeu a filosofar e questionar as convenções sociais. De mulher subjugada e vítima de violência a independente e respeitada, capaz de se reinventar e quebrar tabus, D. Mariana de Lancastre espelha um pouco de cada mulher – e para cada uma delas, há uma representatividade expressa. Ao dar voz dá voz e contexto às suas personagens históricas, a autora atualiza seus conflitos, traçando um quadro comparativo de fácil identificação.

O fato do texto construir um paralelo sobre a busca por liberdade – comparando fundação de ideias que questionavam a obediência aos preceitos estabelecidos com a trajetória da protagonista para superar as opressões vividas em sua classe e gênero –, reforça o movimento de rompimento com as propostas colonizadoras. Entretanto, desconstruir a concepção colonial não implica em passar de pronto de colonizado a independente – representa um processo, no qual idas e vindas, avanços e retrocessos constituem partes de um todo em contínua formação.

Enfatizando pequenos gestos e ressaltando micro-histórias, a autora descreve por meio da personagem o cotidiano, pondo em evidência as relações de poder que atravessam a rotina de tantas mulheres. Torna, assim, crível o especulativo, transformando em épico, o cotidiano (MAIA, 2015). De modo que não se trata de um simples ato de ficção, mas de reinscrição social e problematização das experiências diárias. Essa quebra de paradigma representa uma ousadia diante de discursos instituídos até então inquestionáveis

(Re)contextualizado, o percurso desenvolvido por D. Mariana de Lancastre reflete condições e vivências de várias mulheres, traçando, de maneira resumida, um perfil identitário. Redimensionada, sua história assume uma nova compreensão, propondo-se a refletir sobre o engendramento dos acontecimentos – das transformações operadas socialmente às recorrências que se mantêm arraigadas –, oferecendo reinterpretações sobre o passado e estabelecendo ressignificações sobre o presente.

prerrogativas se manifestam enquanto uma expressão cênica de abordagem dramática para enfatizar as consequências que tais comportamentos acarretam.

4 Considerações finais

Recontando a história a partir da desconstrução/reconstrução de pontos de vista e de atravessamentos subjetivos, *O retrato do rei* propicia uma perquirição por novos ângulos da história, suscitando indagações e abrindo possibilidades para outros entendimentos, que não o instituído. Mesclando em sua composição aspectos ficcionais e historiográficos, leva suas personagens a promoverem releituras e reescrituras do contexto em que se relacionam, proporcionando reflexões sobre o cotidiano. Tal dinâmica representa o desafio de ressignificar acontecimentos passados e já incorporados como verdades incontestáveis dando-lhes outro sentido.

Trazendo para próximo da nossa realidade, padrões, conceitos e vivências de outra época, a autora leva o leitor a identificar semelhanças e ponderar sobre a pertinência e permanência destas condutas nos dias atuais, conferindo-lhes outra perspectiva – uma nova feição. Esta postura pós-moderna de busca por uma ampliação da compreensão sobre a realidade que nos cerca, proporciona um olhar para “o passado com os olhos do presente, inquirindo sobre a dita verdade por detrás dos fatos expressos” (FERREIRA, 2010, p. 13). Através desse viés perscrutador, podemos ser levados a refletir e a nos posicionar de forma mais efetiva ante as reverberações políticas da época. E por meio da arte e de relatos de um passado instituído, perceber o potencial crítico que a história nos apresenta. Neste sentido, o texto se transmuta em uma fonte de denúncias e metáforas da atualidade, subvertendo as convenções estabelecidas, repensando o processo narrativo enquanto produto da criação humana, composto por diferentes subjetividades e interpretações.

Ao problematizar as representações sociais do passado a partir de referenciais do presente, sua narrativa extrai da história, novas significações, abrindo-se às novas prospecções e elucubrações. Pluralizando os discursos da história, compõe uma rede complexa e discursiva, tendo seu texto atravessado por intertextualidades. Sob esta perspectiva, sua leitura exprime uma concepção revolucionária sobre o pensar, levantando importantes interrogações a serem discutidas e contribuindo para o enriquecimento da análise crítica sobre os acontecimentos.

Quanto à sua protagonista, esta não é apenas a personagem forjada em um *patchwork* de exemplos factíveis e padrões teóricos interdisciplinares, mas representa as heterogêneas e multifacetadas vivências que compõem a identidade feminina. Ao ser construída a partir de outras tantas personagens que vivenciaram situações de exclusão, superação, solidão e afetos, que foram sujeitadas ou decidiram o próprio destino, ela compõe uma síntese das possibilidades experienciais, tornando-se repositório de identidades femininas. Traduzindo em seus movimentos versões e referências de outros sujeitos históricos, esta personagem articula e problematiza elementos de conformismo e resistência (CHAUI, 1996) em sua *performance*.

Muito mais complexa do que se imagina, a construção desta identidade tem raízes profundas: ela é definida historicamente, configurada no exercício de uma multiplicidade dinâmica de determinados papéis sociais. Isto é, une em seu âmago um rol de características referentes às vivências de mulheres distintas. E muito embora seja atravessada por individualidades que se entrelaçam, a representação que nela se constitui abraça a coletividade.

Conquanto *O retrato do rei* utilize de interfaces com variadas formas de representações, subvertendo intertextualidades, seu foco é a apresentação de diferentes perfis que constituirão a identidade feminina. Identidade esta construída através de retratos polimórficos e sobrepostos, coesos sob o talhe de suas personagens. Sua narrativa nos faz pensar sobre as semelhanças com os dias atuais, reportando questões que necessitam ser devidamente

discutidas, como a repressão, a discriminação entre classes e sexo, as distintas formas de religiosidade, a acessibilidade aos meios culturais e ascensão social...

Constitui, assim, um referencial para se discutir acerca de importantes temas como a reprodução de expressões de violência e as resistências e conquistas femininas no decurso da história.

Referências

CAMPELO, Á. **Lendas do Vale do Minho**. Valença, Associação de Municípios do Vale do Minho, 2002, pp.101-103. Disponível em: www.lendarium.org > Narratives tagged with "portugueses". Acesso em 24 out. 2019.

CHAUÍ, M. **Conformismo e resistência**. Aspectos da cultura popular no Brasil. Editora Brasiliense: São Paulo, 1996.

EAGLETON, T. **Teoria da Literatura: Uma Introdução**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

FARIA, B. M. R. As primeiras imagens do rei. **Revista de História da Arte e Arqueologia**, n. 22, 2014.

FERREIRA, A. S. Relações entre literatura X história. **Diálogos Acadêmicos**, v. 1, n. 1, 2010. Disponível em: uniesp.edu.br/sites/_biblioteca/revistas/20170627110749.pdf. Acesso em 04 jan. 2020.

FIORIN, J. L. **Linguagem e ideologia**. 3. ed. São Paulo: Ática, 1993.

GOMES, A. M. T. *et. al.* Historicidade, conceitos e procedimentos da análise do discurso. **Revista de Enfermagem da UERJ**, 2017, e12913. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/enfermagemuerj/article/.../21717>. Acesso em 18 out. 2019.

HALL, S. **Identity: The real me**. ICA Document 6. Londres: Institute for Contemporary Arts, 1987.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

HUTCHEON, L. **Poética do pós-modernismo: história, teoria e ficção**. Tradução de Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

MAIA, C. R. A construção das personagens: diálogos interdisciplinares entre literatura e história em uma análise de *Desmundo* e *O retrato do rei*. In: OLIVEIRA, P. C. S. (org.). **VI Seminário de Estudos Literários**. São Gonçalo: UERJ, 2015. Disponível em: <https://literaturaufalarapiraca.files.wordpress.com/2017/08/livro-completo-vi-sel-2015>. Acesso em 14 out. 2019.

MAIA, C. R. A sutil interface. Meta história e crítica social: um mergulho em *Desmundo* e *O retrato do Rei*. **Revista da ANPOLL**, v. 1, n. 47, p. 93-105, 2018. DOI: <https://doi.org/10.18309/anp.v47i1.1184>.

MAIA, C. R. **O processo intermediático em O retrato do rei**. 2019. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários) - Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Faculdade de Formação de Professores – FFP/UERJ, São Gonçalo, 2019.

MARIANNE. In: **Oficina da Net**. Disponível em: <https://www.oficinadanet.com.br/post/13726-quem-e-a-efigie-que-estampa-as-cedulas-doreal/>. Acesso em 03/01/20.

MENEZES, V. Identidade e processos de identificação: um apanhado teórico. **Intratextos**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 1, 2014, p. 68-81.

MIRANDA, A. **O Retrato do Rei**. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

MORAES, E. **Ficção e história no romance Boca do Inferno**. Dissertação. (Mestrado em Estudos Literários) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba: UFPR, 2003. Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/24349/>. Acesso em 04/01/20.

PIMENTEL, A. F. Os pintores de D. João V e a invenção do retrato de corte. **Revista de História da Arte**, n. 5, p. 132-151, 2008.

SOUSA, A. C. **História Genealógica da Casa Real Portuguesa**, tomo V, nova edição revista por M. Lopes de Almeida e César Pegado. Coimbra: Atlântida Livraria Editora, 1948.

VERÍSSIMO, N. **O Funchal em cinco actos**. O século XVII. Disponível em: <https://passosnacalçada.wordpress.com/.../o-funchal-em-5-actos-o-sec-xv>. 01 de jun de 2008. Acesso em 20/06/2018.

WHITE, H. **Teoria literária e escrita da história**. Estudos Históricos, 1991, v. 7, n. 13, p. 21-48. Disponível em: https://www.academia.edu/4043144/TEORIA_LITERARIA_E_ESCRITA_DA_HISTORIA. Acesso em 04 jan. 20.

WHITE, H. **Trópicos do discurso: ensaios sobre a crítica da cultura**. Tradução de Alípio Correia de Franca Neto. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001.

WOODWARD, K. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: HALL, S. & WOODWARD, K (orgs.). **Identidade e diferença**. A perspectiva dos estudos culturais, pp.07-72. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva. Petrópolis: Vozes, 2000.

Recebido em: 01 de agosto de 2020
Aceito em: 01 de dezembro de 2020
Publicado em dezembro de 2020